

O AZUL NOS HÁBITOS E NAS BATINAS: O SURGIMENTO DE UMA CONGREGAÇÃO RELIGIOSA MASCULINA E QUESTÕES DE GÊNERO

Juliana Neri Munhoz

PUC / SP

INTRODUÇÃO

A Congregação da Imaculada Conceição de Castres estudada pela pesquisa é fundada em 1836 na cidade de Castres na França por Emilie de Villeneuve que nasceu 1811, filha do conde Luiz de Villeneuve e da condessa de Avessens. A partir do seu surgimento o número de irmãs foi aumentando, a Congregação foi se desenvolvendo e se expandindo para vários lugares do mundo e em especial na América Latina.

O diferencial da história da Congregação e que envolve gênero é que em 2003, após anos de desenvolvimento da Congregação das Irmãs Azuis e de expansão para vários países na América Latina, alguns leigos buscam seguir o carisma de Emilie de Villeneuve assim como as irmãs. O processo foi longo até se tornarem sacerdotes. Realizaram sua formação com as irmãs de 2003 até 2016 e depois disso não mais fazem parte da Congregação. São hoje uma Associação Pública Clerical ainda em um processo de formação para serem considerados uma Congregação (para formação de uma Congregação são necessários 40 adeptos). Dois deles são padres e tiveram sua ordenação em 24 de setembro de 2016. A casa central dos Irmãos está em Santa Cruz na Bolívia, anteriormente localizada em Pirizal no Paraguai.

Por conta desta “inversão” em relação ao que normalmente ocorre no desenvolvimento de uma Congregação religiosa católica, vamos levantar dois pontos em que um jogo de relações sociais e de poder ocorrem: o primeiro é o gênero, que nesse estudo se torna um conceito fundamental para entendermos o dilema da diferença na religião católica e em sua infraestrutura. O segundo é perceber como ocorreram os processos de imigração destes grupos na América Latina tanto para eles como para elas. Com estes dois elementos é possível contribuir com um estudo mais amplo da atuação das Congregações religiosas na América Latina.

Para o primeiro ponto, o gênero, várias são as definições dadas ao conceito e é preciso esclarecer o que entendemos por gênero no trabalho e de que forma o olhar de gênero vai direcionar a pesquisa. Uma delas, traz um leque de possibilidades necessárias para atribuir o conceito em diferentes sociedades, culturas e momento histórico. Ser um homem ou uma mulher em um determinado ambiente social remete a “conduta”, atributos, ou até o que chamamos “jeito de ser” que envolve vestimentas, hábitos, atividades que são socialmente atribuídos (Grossi, 1997).

Como acrescenta Schiebinger (2001) o conceito é: “mais propriamente usado para referir um sistema de signos e símbolos denotando relações de poder e modos de expressão no interior das relações do mesmo sexo” (p. 45). As questões de poder no interior do mesmo sexo também ocorrem e fazem parte do conceito de gênero. O gênero não envolve somente as mulheres, mas pode incluir as mulheres. Importante considerar assim que as hierarquias de gênero se reproduzem e precisam ser analisadas nas relações entre gênero, raça, classe e sexualidade. O gênero seria um ponto de convergência entre conjuntos específicos de relações que confluem cultural e historicamente.

A reprodução das relações sociais (práticas, expressões de fé, símbolos) e o lugar da mulher e do homem dentro da religião são aspectos importantes para percepção de dominação e efeitos sobre a vida das irmãs e irmãos. Pretendemos, por esse motivo, ao longo do texto fazer estas relações nos grupos religiosos citados.

Para um segundo ponto a história da Congregação feminina atrelada às observações de seu fluxo migratório para a América Latina e seus impactos sociais, inserindo-as em um processo mais geral da vinda de Congregações religiosas francesas para o Brasil no início do século XX. Também sobre o grupo dos Irmãos Azuis, seu contexto de surgimento, suas relações com as irmãs azuis e sua atuação e deslocamento do Paraguai para a Bolívia. A pesquisa sobre eles se encontra em andamento, mas pelo material disponibilizado e pelos depoimentos dados compreendemos que o percurso até a chegada deles na Bolívia foi cheio de percalços, possuindo questões eclesiais burocráticas e de atuação das irmãs junto a eles.

O AZUL NOS HÁBITOS

Ao despertar da aurora do século dezenove, a vida religiosa apareceu novamente na França. Muitas Congregações foram fundadas sobre os escombros amontoados pela Revolução e entre estas é notável a das Irmãs da Imaculada Conceição. [...] A jovem fundadora é a terceira filha do Conde Luiz

de Villeneuve- Hauterive e da condessa Rosa d'Avessens. Nasceu em Tolosa a 9 de março de 1811. (Strevis, Ayma, Hilarion, 1960, p. 9)

A Congregação das Irmãs Azuis e seu surgimento fez parte do período de crescimento do número de Congregações religiosas na França no início do século XIX. Fundada por Emilie de Villeneuve e solicitação do bispo de Albi:

[...] após um curto noviciado junto às Irmãs da visitação (sic) de Toulouse, com o apoio integral do bispo de Albi e diante da população que acompanhava admirada a cerimônia de vestição e o compromisso dos votos, Emilie de Villeneuve, com mais duas companheiras, fundou (sic) a Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. [Bergamaschi, 2009, p. 22]

A Congregação das Irmãs Azuis, assim como outras Congregações religiosas queria um lugar nas chamadas “terras de missão” e difundir seu carisma. As missões da Congregação começaram quando as primeiras irmãs partiram em 1847 para Dakar no Senegal no continente africano. Para isso a permissão de prefeitos das cidades, o apoio das famílias ricas de Bourbon e as passagens gratuitas eram necessárias para as missões, e por ser um processo migratório de religiosos representam um caso diferente das demais, normalmente tem um apoio episcopal, tem uma elite que deseja serviço (Bittencourt, Arduini, 2017)¹.

Algumas observações nesse primeiro momento de missão da Congregação sobre as relações entre elas mesmas e delas com os missionários e padres são importantes para perceber como o poder se instituía. Um dos pontos observados era na questão da obediência à superiora e superiores. Isso pode ser percebido tanto nas cartas para os padres em que as irmãs “pedem conselhos” e de certa forma dão satisfação de suas atividades, mas também como lembra Custódio (2017) as madres superioresas “encarnavam” o poder masculino e se utilizavam de estratégias para fazer as coisas de um jeito próprio nas novas áreas de missão, nas decisões sobre os gastos com transporte, entrada e saída de noviças, etc.).

Diferente deste processo inicial de experiência missionária na África, a ampliação de sua expansão para América Latina representou um outro momento e fez parte de um número

¹ Disponível no site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072017000300012&lng=pt&tlng=pt#.B06. Acesso dia 30/3/2020

grande de Congregações francesas que saíram de seu país de origem. Como encontramos nos próprios registros da Congregação: “A França, num momento de loucura rejeita-nos do seu seio, e a América nos abre as portas com entusiasmo.” (Circ. 23/01/1905). Há maior incentivo e perspectiva para o processo de expansão no início do século XX, com a vinda da missão para a América Latina, pois na França houve ruptura entre Igreja e Estado; as propriedades eclesiásticas eram confiscadas e as congregações perderam os seus bens. Na França com o ensino leigo houve o fechamento de escolas religiosas e de diversas Congregações religiosas: “Era em 1904. As leis combistas tinham levado a desordem e a dissolução em toda a França, fechando sem distinção todas as Casas de Ensino Religioso. As Irmãs Azuis, preferindo o exílio à secularização, procuravam refúgio em terras estrangeiras” (Strevis, Ayma, Hilarion, 1960, p. 41).

Um desafio fora colocado para quem era selecionada para vir ao Brasil, pois teriam que reinterpretar suas experiências passadas à luz de uma existência na qual práticas, costumes e valores éticos podem ser postos à prova pelo contato com outras culturas (Bittencourt, Arduini, 2017).

[...] pouco se sabe sobre o país, a não ser que há poucos recursos e muitas dificuldades. Solicitam-se, para essa missão, seis voluntárias. Espontaneamente, mais de 40 irmãs se prontificaram. Chegaram dia 19 de agosto de 1904, quatro padres, dois irmãos, três noviços e seis irmãs azuis embarcaram no porto de Bordéus. (Bongiovani, Mendes, Cani, 2004, p. 16)

Sobre a escolha das irmãs que embarcariam para o Brasil não se relata nos registros. Somente que houve uma celebração de envio com a benção do Santíssimo Sacramento e as seguintes irmãs azuis vieram: Madre Saint Jean Solomiac (superiora), Celestine Soulet, Domitille, Marie Angèle Rieu, Octavie Peyre e Agnès. As irmãs não vieram sozinhas e poucos são os registros sobre a companhia dos padres, noviços e irmãos citados nessa vinda. Nesse percurso, pararam na Argentina. Vale salientar que a Argentina antes do Brasil era um lugar que oferecia segurança e trabalho para a vinda da Congregação das Irmãs Azuis rumo ao continente americano (A Argentina tinha a França como modelo de civilização e recebeu um número maior de irmãs azuis comparado aos outros países latinos)².

² Nos documentos da Congregação encontramos que “A Argentina oferece segurança e trabalho no momento em que na França fecham-se as obras educacionais e a Casa Mãe corre risco” (p.59) A referência do imaginário das Irmãs Azuis francesas na América Latina estava na Argentina (p.60) e ali a França se impõe como modelo

E chegaram a Cuiabá, no Mato Grosso, em 26 de outubro do mesmo ano, depois de uma viagem de 61 dias a bordo do barco Etrúria. A região em que chegaram era pouco povoada, mas com grande espaço de terra produtiva. As atividades ali realizadas eram as aulas de costura, bordado, piano, o preparo para a Eucaristia, Batismo e Matrimônio. Mais o número de irmãs ainda não era suficiente para dar conta de tantas atividades. E neste processo de adaptação, mais irmãs são chamadas a vir juntamente com pe. Galibert em 1905.

A expansão missionária esteve ligada primeiramente ao Asilo Santa Rita em que as irmãs trabalharam de 1904 a 1922 na cidade de Cuiabá. Neste período a cidade estava inserida em um momento de violência, problemas econômicos, uma dita “convulsão político-social” envolvendo uma disputa de poder pelos coronéis locais. Lá as irmãs tinham um trabalho de parceria com os padres salesianos, e a grande preocupação colocada nas cartas na região era com a chamada “ignorância religiosa” e com a evangelização. Tal parceria mostra como o processo migratório não é assim um ato individual, faz parte da construção social de grupos e depende de redes de solidariedade por outras congregações (Bittencourt, Arduini, 2017)

O Brasil era visto como um país de missão, e se mostrava como o destino preferido dos investimentos de ordens e congregações constrangidas a deixar seus países de origem (Bittencourt, Arduini, 217). Mas neste primeiro momento as viagens, a distância e a não vinda de uma visita de nenhum superior Geral da Congregação para o Brasil durante os primeiros anos são elementos que dificultam a permanência na cidade de Cuiabá. Em Cuiabá as condições precárias e doenças se espalharam. Irmãs morreram de beribéri, tifo em 1910 e a epidemia de varíola assolava a cidade. Os desafios da imigração vêm da necessidade de adaptar-se a uma nova realidade e a uma outra cultura.

Nossas Irmãs, também, tiveram que passar pela dolorosa experiência do exílio para, com certeza, terem olhos e corações novos para os desafios de uma realidade tão diferente. Até 1915, elas permanecem em completo isolamento. A primeira visita que recebem em Mato Grosso é de madre Sylvie Azaís, em julho e agosto de 1915. [...] A escassez de correspondência é uma das grandes provas [...] (Bongiovani, Mendes, Cani, 2004, p. 25)

cultural e seria uma opção para uma nova Casa Mãe caso fosse necessário. Informações disponíveis no site: <https://pt.calameo.com/congregation-immaculee-conception-de-castres/read/000548648bf6b1758391b>. Acesso dia 3/4/2020.

A visão da provincial que visitou mais tarde o país revelava o pensamento etnocêntrico da época em relação à diversidade cultural. A viagem era difícil e ruim, e o discurso era o de que o Brasil era atrasado e desorganizado. A necessidade de irmãs em outros lugares como a Argentina, África foram elementos identificados como motivação para o fechamento em Cuiabá. Fecha-se em 1922 a comunidade de Cuiabá³.

De 1904 a 1955, 28 Irmãs Azuis mato-grossenses trabalhavam nas comunidades de Mato Grosso, São Paulo, Argentina e países do continente africano. Neste período há o surgimento dos Colégios Notre Dame e Emilie de Villeneuve em São Paulo em que foram realizadas obras na área da educação e de “formação intelectual das Irmãs” para o trabalho nas escolas. A implantação da Congregação se amplia para o Espírito Santo, Minas Gerais, Santa Catarina. As exigências e mudanças na área da educação com o Concílio Vaticano II, de 1962- 1965 afetam a Congregação com mudança na formação com cursos de atualização conciliar, com revisão em seus capítulos gerais e estatutos e na vida religiosa.

As atividades sociais das irmãs foi se ampliando, a atuação em obras sociais, lar infantil, trabalho de catequese junto as paróquias. Isso não só no Brasil, também nos países latinos. Houve uma atuação social mais forte das religiosas pela diversificação profissional e “O tema da profissionalização entra em voga nas revistas e cursos para as religiosas” (Rosado- Nunes, 1985, p. 94)

Desta forma, também com as Conferências que se seguiram pós Concílio Vaticano II os leigos tiveram maior participação na Congregação⁴. A Conferência de Medellín, em 1968, por exemplo, impulsionou a opção preferencial pelos pobres, trouxe um deslocamento maior dos religiosos e religiosas para a periferia, além da ideia de uma educação libertadora. Para Rosado (1985) as experiências das “pequenas comunidades” nestas áreas mais pobres permitiram uma maior aproximação das freiras com as classes populares, trazendo novas visões de mundo e relações nas suas áreas de atuação.

Na década de 1990 surge na Congregação das Irmãs Azuis um trabalho mais intensificado com o grupo de leigos chamado LEMME- Leigos missionários da espiritualidade de Emilie. A partir daí o grupo passa a se reunir uma vez por semana, fazendo visitas junto as comunidades, trabalhando e orientando os projetos de inserção no meio dos

³ Informações presentes no material da Congregação das Irmãs Azuis disponível no site: <https://pt.calameo.com/congregation-immaculee-conception-de-castres/read/000548648bf6b1758391b>. Acesso dia 03/04/2020.

⁴ As preocupações com a pobreza que assolava o continente, a necessidade de uma educação que gerasse consciência de direitos, e finalmente, o papel a ser cumprido pelo episcopado, o clero e os leigos estavam presentes nas discussões anteriores a Medellín. Tais discussões buscavam considerar uma transformação da Igreja na América Latina (Londoño, 2007).

pobres. Percebeu-se nos próximos anos a necessidade de formação pessoal de modo a favorecer, no meio de tantas mudanças a reestruturação individual. Tal formação não só para as freiras, mas também para os leigos. A realização de cursos na área de Pedagogia, Enfermagem, Psicologia são evidenciados.

Neste sentido, surgiram leigos, de diferentes lugares do continente americano: um da Argentina, outro do Paraguai (e um mexicano que iniciou a experiência e desistiu) que buscaram se inserir na missão das Irmãs Azuis, primeiro auxiliando em diversas atividades: na escola, em hospital, atividades eclesiais.

O AZUL NAS BATINAS

Foi do grupo das Irmãs Azuis que eles surgiram. Um argentino e um paraguaio que queriam ser mais que leigos da Congregação. Elas os colocaram em contato e o nascimento de um novo grupo aparece. Em 2003, ainda como Associação Clerical, inicia-se o grupo dos Irmãos Azuis, no bairro de Reduto, na periferia de Assunção.

Em fevereiro de 2003 os irmãos receberam uma carta das Irmãs do Governo Geral, também comunicando a equipe provincial das irmãs do Paraguai para o início da realização da experiência deles com elas. Algumas coisas interessantes foram estabelecidas entre a Congregação das Irmãs Azuis e os Irmãos Azuis nesse momento: permissão para missão em Pirizal no Paraguai compartilhando a missão de educadores com as irmãs e vivendo na casa ao lado da comunidade; não haveria nenhum laço jurídico nem econômico com a Congregação das Irmãs Azuis; A irmã Provincial determinaria quem os acompanharia e forneceria o material necessário sobre a espiritualidade de Emilie e o bispo local seria informado sobre a experiência.

Toda preparação formativa para essa experiência esteve a cargo delas, mas ao mesmo tempo a aprovação a cargo do bispo. O não estabelecimento de laço jurídico e econômico com as irmãs dá autonomia e de alguma forma diminui uma dependência administrativa, jurídica em relação a elas.

Desta forma assim se segue: De 2003 a 2010 há uma formação teológica, espiritual, de missão e pastoral em centros formativos na Argentina, Brasil e Paraguai. Os níveis de formação pelo qual passaram foram estes: Postulantado: 2003, Noviciado: 2004-2006, Juniorado: 2006- 2010.

De 2010 a 2016 continua a formação dos irmãos no Instituto de Ciências Religiosas pelo Instituto de Ciências Religiosas (Conferência de Religiosos) no Paraguai e de atuação

pastoral. Além de se aprofundarem em seus cursos. Em 2016 concluem seus estudos de pós-graduação em suas especialidades profissionais também. Em 2016 os irmãos são ordenados sacerdotes no dia 24 de setembro após muitos pedidos (pedidos das próprias irmãs pela ordenação deles). A ordenação foi feita na Catedral de São Lourenço no Paraguai. Em 2017 houve a experiência missionária e pastoral na Paróquia São Silvestre na Arquidiocese de Santa Cruz na Bolívia e a abertura de uma Casa de Formação para novos irmãos.

Em 2018 se mudam para Santa Cruz na Bolívia por inúmeras questões: eclesiais (pela necessidade de estarem juntos), necessidade de sacerdotes na cidade, também por ser um bairro pobre; pela possibilidade de moradia dada pela saída das Irmãs Azuis do local e por menor custo de vida. Tais mudanças foram difíceis pois tiveram que abandonar o trabalho que tinham, um que atuava como psicólogo, e o outro como fisioterapeuta.

O que faz parte deste trajeto do Irmãos Azuis e que chama a atenção são as relações com as irmãs: o processo invertido (que causa estranhamento no início) pois não é o que normalmente ocorre na realidade das Congregações: “eles surgirem delas”. No momento em que eles estão sobre a supervisão delas, sendo formados por elas e delas recebem ajuda para continuarem seus estudos há uma mudança na dinâmica hierárquica e por esse motivo é algo diferenciado.

Os irmãos não puderam ser uma Congregação e nem permanecer ligados a elas institucionalmente. Não tinham o número exigido de adeptos para se tornar uma Congregação e desta forma seriam uma Associação Clerical separada das Irmãs Azuis, sem qualquer vínculo institucional. Os contatos ainda existem e as irmãs azuis colaboram na formação de postulantes, chamando-os para missão e dando aulas de medicina alternativa. Ligados a uma realidade local, os irmãos foram impulsionados pela opção preferencial dos pobres, adaptando-se a cultura boliviana, e estabeleceram redes de solidariedade com outros grupos religiosos.

A história dos irmãos azuis está imbricada à história das Irmãs Azuis. Nesse sentido, por eles e elas perpassa a força da “matriarca, isto é, a fundadora da Congregação das Irmãs Azuis, Emilie de Villeneuve na estruturação do grupo através da renovação do carisma da Congregação agora com novos fundadores. O Estatuto dos Irmãos Azuis foi elaborado em conjunto com as irmãs azuis ao longo da formação de uma Congregação e foi aprovado como Associação Pública clerical de confessionalidade católica conforme o Código de Direito Canônico para mais tarde se tornar um Instituto Religioso de Direito Diocesano: “Nos constituímos de dentro da família da Imaculada Conceição(conhecidos como azuis) fundada

por Santa Emilie de Villeneuve em uma Associação Pública Clerical com autonomia própria”⁵.

Sendo uma Associação Pública Clerical tem autonomia e podem estabelecer sua forma de vida como missionários da Nossa Senhora Imaculada Conceição de Castres. Seu carisma é o mesmo das Irmãs Azuis. Porém, também existem atividades ligadas a outras Congregações: na participação de retiros e visitas as dominicanas e carmelitas; na associação não só a Santa Emilie, mas a santas locais como a Madre Nazária.

CONCLUSÃO

Nesta apresentação identificamos no percurso da Congregação das Irmãs Azuis diferenças de gênero e de histórias de imigração. Em um primeiro momento, quando falamos do “azul nos hábitos” percebemos que nas saídas em missão da França para África e depois para América Latina as irmãs azuis tinham na irmã superiora as decisões mais importantes: quem sairia, quem voltaria da missão. As relações com os padres, bispos presentes nas cartas era de prestação de serviços, atendendo pedidos e dando satisfação do andamento da missão.

O processo de imigração da Congregação para a América Latina se deu inicialmente no Brasil e Argentina em 1904 e 1905 respectivamente. A Congregação foi se ampliando através das solicitações de bispos e das necessidades locais. A ampliação de escolas e a possibilidade de formação de novas irmãs⁶ foi um grande fator para o desenvolvimento das Congregações religiosas no Brasil: “Ora, várias das Congregações religiosas tinham na educação uma de suas principais atividades, e esse contexto positivo permitiu o desenvolvimento de uma vasta rede de escolas católicas particulares” (Rosado- Nunes, 1985, p. 35).

Com o aumento da participação de leigos na Congregação há uma maior abertura para o surgimento dos Irmãos Azuis. Dois jovens, um argentino e um paraguaio iniciaram sua formação e acompanhamento com as irmãs azuis em 2003 e se tornaram sacerdotes em 2016.

A partir do momento que os irmãos se tornam padres passam a dar satisfações de suas atividades diretamente ao bispo. Mesmo assim, os postulantes que se encontram em formação com os irmãos azuis ainda têm aulas com as irmãs e as acompanham nas missões. Os padres

⁵ Trecho presente no Estatuto da Associação Clerical dos Missionários de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Castres- 2016.

⁶ No caso da Congregação das Irmãs Azuis somente na década de 1950 houve uma casa de formação no Brasil. Quem buscava iniciar sua vida religiosa ia para Argentina ou para França.

mantêm contato em alguns momentos e podem recorrer a elas fora do que é “padronizado”, já que não estão mais subordinados a elas.

Os Irmãos Azuis se reapropriam do carisma de Emilie e adaptam à sua realidade na Bolívia. A figura da matriarca Emilie de Villeneuve continua forte e lembrada nas celebrações e na simbologia presente no cotidiano. Entretanto, há uma certa integração de imagens e representações de grupos católicos latino-americanos não só ligados a Emilie, mas também ao contato com santos e santas do local como exemplo Santa Nazária.

Percebemos também que o contexto de surgimento dos irmãos e das irmãs azuis é diferenciado. Isto é, enquanto o surgimento delas tinha uma condição de crescimento de Congregações religiosas na Europa no século XIX, o aparecimento deles ocorreu em um período que a Igreja já havia passado por inúmeras transformações. Tais como o Concílio Vaticano II e Conferências que discutiam sobre a América Latina, momento em que a presença de leigos se tornou importante e permitiu que os Irmãos Azuis surgissem. O contexto social latino-americano sendo evidenciado pelo Concílio Vaticano II e o foco na questão dos pobres na Teologia da Libertação insere os irmãos nessas problemáticas atuais. Há também a falta de padres, a atuação em áreas periféricas, e o papel dos leigos dentro da Igreja. Freiras em geral, em particular o caso das Irmãs Azuis, em que mesmo tendo um papel de formadoras em determinadas situações, fazendo solicitações que antes não podiam (pedir ordenação de padres como é o caso da pesquisa), ainda continuam fora dos altos cargos da Igreja e de funções somente dadas aos homens.

Desta forma uma inversão de poder ocorre. De início se dá um poder que sugere a força feminina atribuída quando as Irmãs Azuis realizam o processo de formação dos irmãos. Quando eles formados, essa força atribuída desloca-se para um poder simbólico, alocando-se apenas na figura da fundadora, enquanto matriarca. Para finalmente, os irmãos migrarem para o lugar dos homens clérigos: a hierarquia eclesiástica, ou seja, o poder volta a ser hierárquico quando os irmãos se tornam sacerdotes. Consequentemente, os irmãos passam a administrar os sacramentos e a ocupar cargos de poder. Depreende-se, então, o que foi uma novidade, a inversão de gênero na gênese da fundação dos irmãos Azuis, passa a sofrer uma reversão, pois os homens retomam seu lugar na estrutura de poder, e talvez tudo volte à normalidade. Como sempre foi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bongiovani, Mendes, Cani (2004). *Missão Azul. Cem anos de presença da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição de Castres no Brasil. 1904-2004*. Ed. Casa Provincial (Material da Congregação).
- Londoño, F. T. (2007). 1955-1979 três Conferências Gerais do Celam e uma Igreja ante o desafio da transformação na América Latina in O futuro do catolicismo latino-americano. *Revista Religião e Cultura*, VI(12), 11-29.
- Rosado- Nunes, M. J. (1985). *Vida religiosa nos meios populares*. Ed. Vozes.
- Schienbinger, L. (2001). *O feminismo mudou a ciência?* Ed. Edusc.
- Strevis, Ayma, Hilarion. (1960). *As Irmãs Azuis. Vida da madre Emilie de Villeneuve*. Ed. Casa Provincial (Material da Congregação).

Referência bibliográfica eletrônica

- Bittencourt, A. (2020). *Dossiê: Empreendimentos sociais, elite eclesiástica e congregações religiosas no Brasil República: a arte de “formar bons cidadãos e bons cristãos”*. *Pro- Posições vol.28 no.3 Campinas set./dez. 2017*. Disponível no site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072017000300012&lng=pt&tlng=pt. Acesso: 30/3/2020
- Custódio, M. C. (2020). *Aparecida. O papel da Congregação das Capuchinhas na formação de classes médias e elites regionais. DOSSIÊ: Empreendimentos sociais, elite eclesiástica e congregações religiosas no Brasil República: a arte de “formar bons cidadãos e bons cristãos*. Disponível no site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072017000300169&lng=pt&tlng=pt#B50. Acesso: 30/3/2020.
- Grossi, M. P. (2020). *Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. Cad. Pesquisa. São Paulo (73) maio de 1990*. Disponível no site: <file:///C:/Users/Juliana%20Neri/Downloads/1096-4122-1-PB.pdf>. Acesso: janeiro de 2019.
- Raízes: um pouco da nossa história da América Latina 1904- 1960*. Ed. Colégio Emilie de Villeneuve, SP, 2004. Disponível no site: <https://pt.calameo.com/read/000548648bf6b1758391b>. Acesso: 03/04/2020.

Documentos

Estatuto da Associação Clerical dos Missionários de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Castres, 2016.